

CLASSES DIRIGENTES E AURELIANO CHAVES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 28.02.1984

A contradição intrínseca da oposição do Sr. Aureliano Chaves em relação à crise política brasileira apóia as eleições diretas já mas candidata-se também pela via indireta reflete com precisão a contradição das classes dirigentes brasileiras. Estas são favoráveis às eleições diretas em 1984, mas não acreditam que o movimento pelas diretas venha a ser vitorioso, e, portanto tratam de articular-se em função da escolha de um candidato indireto que possa fazer frente à ameaça intolerável representada pelos senhores Maluf e Andreazza.

Este “realismo” das classes dirigentes particularmente da alta burguesia é “confirmado” pela posição dos três ministros militares e do Presidente da República, que comunicam à nação seu veto às eleições diretas. Se os militares não querem eleições diretas e se os oportunistas do PDS também não a desejam, as classes dirigentes concluem que não teremos eleições diretas, e tratam de pensar o que fazer depois da derrota da emenda Dante de Oliveira.

Acontece que a afirmação de que a posição dos ministros militares representa a real posição dos militares brasileiros é, no mínimo, muito discutível. Os militares brasileiros sempre refletiram com razoável fidelidade os sentimentos da sociedade civil. E a sociedade civil brasileira, identificada com o povo, continua indiferente às advertências e aos vetos; continua engajada na mais extraordinária campanha cívica de que esta Nação tem notícia: a campanha pelo restabelecimento definitivo da democracia através de eleições diretas.

Nesse quadro, o editorial desta Folha de domingo último cobrando mais coerência do Sr. Aureliano Chaves é de extrema importância. Aureliano Chaves já caminhou muito, com

coragem e ousadia, mas para se transformar em um estadista precisará dar mais alguns passos decisivos.

O primeiro será o de convocar abertamente todos os seus correligionários para votar a favor da emenda constitucional pelas eleições diretas. Compreende-se que não queira subir no palanque com os líderes da oposição para participar dos grandes comícios pelas diretas. Mas nada justificará que ele se omita na campanha ao nível do Congresso para votar pela reforma da constituição. O restabelecimento das eleições diretas é hoje muito mais importante para esta Nação do que sua fidelidade às posições políticas de um governo contraditório, desorientado e dissociado da Nação, como ele próprio o admite.

Se as classes dirigentes deste país e o Sr. Aureliano Chaves que é sem dúvida um dos seus mais legítimos representantes pararem por um momento de articular eleições indiretas e concentrarem todo seu esforço na emenda pelas diretas, nada segurará sua aprovação. O governador Tancredo Neves, que é outro representante indiscutível dessas classes dirigentes, já tomou esta posição. Já percebeu que não pode dissociar-se do povo e da própria sociedade civil. O resultado foi um comício em Belo Horizonte provavelmente ainda maior do que o organizado pelo governador Montoro em São Paulo.

O momento agora é para concentração de esforços, com vistas à aprovação da emenda. Vamos ver se as classes dirigentes deste país e o Sr. Aureliano Chaves compreenderão este fato e dirão aos parlamentares do PDS ainda não comprometidos com as diretas o que a grande maioria dos seus próprios eleitores já estão dizendo: resgatemos o Brasil de um autoritarismo já superado através do restabelecimento imediato das eleições diretas.(28/02)